
Ensaio

Cognição, categorização, estereótipos e vida urbana

Cognition, categorization, stereotypes, and urban life

Marcos Emanuel Pereira

Departamento de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil

Resumo

Um dos aspectos fundamentais da vida social é a capacidade de perceber e categorizar, com um mínimo de esforço, as pessoas e os objetos com os quais se interage no ambiente cotidiano. Sem a categorização, seria necessário redefinir a todo e qualquer momento os esquemas de conhecimento sobre o mundo, o que, possivelmente, estenderia ao extremo os limites cognitivos. Uma forma particular de categorização, realizada mediante o uso de representações estereotipadas, tem despertado amplo interesse entre os psicólogos sociais. Os estereótipos geram expectativas que, por sua vez, influenciam a percepção, a formação de impressões e o julgamento social. O presente ensaio, de natureza exploratória, procura avaliar e esclarecer alguns mecanismos psicológicos envolvidos manifestação do julgamento estereotipado pelos habitantes dos centros urbanos, enfatizando o papel exercido pela confirmação e desconfirmação das crenças. © Cien. Cogn. 2008; Vol. 13 (3): 280-287.

Palavras-chave: categorias sociais; categorização; estereótipos.

Abstract

One of the fundamental aspects of social life is the capacity we have of perceiving and categorizing, with rather a slight effort, the people and objects with which we interact in our day-by-day environment. Without categorizing, we would be forced to keeping on redefining, over and over, all the frames of knowledge that we have about the world, which would probably push our cognitive capacity over the border line. A certain particular way of categorization, that one we carry out through the use of stereotyped representations, has been kindling a deep interest among the social psychologists. The stereotypes create certain expectations that, by their turn, influence in the social perception, impressions-generating, and judgments. This present essay, with rather a speculative nature, seeks for discussing and evaluating some psychological devices involved in the manifestation of stereotyped judgment made by the urban sites citizens, emphasizing the influence in such a judgment exerted whether by the confirmation or the disconfirmation of social beliefs. © Cien. Cogn. 2008; Vol. 13 (3): 280-287.

Keywords: social categories; categorization; stereotypes.

A vida cotidiana atual se desenrola, sobretudo, nos centros urbanos, particularmente em cidades de grande e médio porte. O último censo indica que mais de 80% da população brasileira vive nas cidades (IBGE, 2000) e, afora alguns casos relativamente raros de pessoas

que, motivadas por inseguranças e temores, não suportam mais a vida nos grandes centros urbanos, cada vez mais pessoas abandonam o campo e vão para as cidades em busca de diferentes oportunidades de vida e de trabalho.

Se os teóricos da cognição sugerem que o mundo que nos cerca é tão complexo que exige o trabalho simultâneo de dois sistemas de aprendizagem complementares (McClelland *et al.*, 1995), tal complexidade é levada ao extremo no ambiente das grandes cidades. Se, afinal, a espécie humana sobrevive, como efetivamente sobrevive, é porque o ser humano tanto consegue lidar com as inumeráveis rotinas às quais se encontra sujeito, quanto com as diversas situações inesperadas com quais se depara. Parece plausível admitir, portanto, que a sobrevivência é possível não apenas porque o organismo humano conta com um sistema que o torna apto a lidar com o que é esperado e previsível, dado a capacidade humana intrínseca de representar o ambiente de uma forma estável, mediante a construção de modelos de mundo relativamente permanentes, como também porque este primeiro sistema é complementado por um outro, que se caracteriza por uma enorme plasticidade, que o habilita a responder, de forma rápida, às inúmeras mudanças que freqüentemente se manifestam nos espaços urbanos.

Dessa forma, é impossível deixar de aderir à sugestão de que um dos aspectos fundamentais da vida social é capacidade intrínseca de perceber as pessoas que se acaba de conhecer, ou àquelas as quais se foram recentemente apresentadas, em termos de crenças gerais e antigas organizadas e armazenadas na memória (Bem, 1973; Rokeach, 1981). Isso só é possível dada a natureza de uma modalidade de pensamento denominada categórica (Macrae e Bodenhausen, 2000; Park e Judd, 2005).

Na psicologia social, o termo categoria tradicionalmente tem sido adotado para descrever a totalidade de informações que os percebedores possuem na mente sobre uma classe particular de indivíduos (Moskowitz, 2006). O que seria da existência sem as categorias que orientam o pensamento humano? É possível entender o processo de categorização a partir de um exemplo da vida ordinária, uma pessoa que se encontra em um *shopping center* e entra numa papelaria. Decerto pode ser a primeira visita da pessoa àquela loja, mas apenas mediante a inspeção da distribuição das estantes e dos mostradores com os produtos em exposição, ela provavelmente não encontrará qualquer dificuldade em se orientar e não se defrontará com qualquer dificuldade em relação a direção a tomar. Ao mesmo tempo em que consegue categorizar os produtos e delimitar os espaços nos quais estes estão localizados, ela também é capaz de identificar, sem muitas dificuldades, outras pessoas que se encontram no recinto e que podem ser caracterizadas como vendedores e funcionários da papelaria e aquelas que podem ser classificadas como consumidores. É extraordinário que tudo isso aconteça e, mais impressionante ainda, que tudo isso ocorra sem que seja necessário postular que a pessoa despense um esforço significativo para realizar uma tarefa cognitivamente tão complexa quanto esta (Blair e Banaji, 1996; Devine, 1989; Gilbert e Hixon, 1991; Wegner e Bargh, 1998).

O que ocorre quando uma pessoa é identificada como um vendedor da papelaria? Fundamentalmente, estudos contemporâneos sobre a categorização social sugerem que uma parcela substancial do pensamento é dominada por dispositivos mentais que permitem ao agente cognitivo pensar em cada indivíduo com quem interage em termos de categorias inclusivas mais amplas e não a partir das idiosincrasias de cada pessoa em particular encontrada no mundo. Desta forma, não é necessário se preocupar em saber o nome, a naturalidade, os gostos ou mesmo as preferências de cada vendedor, dado que as pessoas possuem uma certa clareza sobre as expectativas a serem adotadas em relação aos vendedores, esperando-se que estes sejam corteses, educados e que saibam informar as características e os atributos tanto do produto ao qual se procura, quanto que sejam capazes de indicar as formas pelas quais a compra possa ser efetivada. Pode-se esperar, inclusive, que, na falta do produto

de interesse, o vendedor possa indicar um outro local em que a aquisição possa vir a ser realizada. Isto ocorre porque o processo de categorização pode ser entendido como uma operação complexa, na qual um agente humano aplica rótulos verbais a objetos presentes no mundo físico, mental e social. Mediante a aplicação dos rótulos verbais durante o processo de categorização os objetos são classificados como membros de um grupo e passam a serem vistos como elementos que compartilham um mesmo conjunto de atributos com os demais objetos que pertencem à mesma categoria, assim como são percebidos como diferente dos objetos que pertencem a categorias distintas.

Parece lícito afirmar, portanto, que se encontra organizado na memória humana conhecimentos a respeito dos vendedores de papelaria, de vendedores de *shopping centers*, dos vendedores em geral e das mais diversas categorias sociais com as quais a interação é freqüente. Esse repertório de conhecimento gera expectativas e, tais expectativas fornecem um certo critério ou, pelo menos, funciona como uma espécie de guia, que permite determinar se os comportamentos eliciados pelo vendedor do shopping se enquadram ou não dentro daquilo que se imagina como o comportamento esperado para os membros desta categoria (Greenwald e Banaji, 1995).

Se tudo isso é aceitável, pode-se dizer que o pensamento categórico exerce uma influência muito grande sobre a percepção social. Essa influência se manifesta por duas vias distintas. Por um lado, é possível afirmar que o processamento da informação, característico de toda a percepção social, é guiado pela estrutura de conhecimento a respeito da categoria ativada. Por outro lado, pode-se supor que uma vez ativada, a estrutura do conhecimento permite a elaboração de uma série de inferências, especialmente aquelas que envolvem o julgamento, a formação de impressões ou mesmo a realização de avaliações sobre o membro da categoria ativada. Muitas destas inferências podem até ser apropriadas, embora em uma parcela significativa das vezes elas se assentam em julgamentos estereotipados (Fiske, 1998; Fiske, 2000; Pereira, 2002). Em que pese o ajuste ou não entre as representações categóricas e os eventos que ocorrem no mundo real, parece indubitável que o organização humano tem se adaptado relativamente bem ao ambiente em que vive e que o processamento categórico da informação contribui de forma significativa para esta adaptação. O papel fundamental da categorização na sobrevivência do organismo parece ser a possibilidade que ele oferece de permitir que o agente cognitivo humano possa tratar o novo e inesperado em termos de crenças mais gerais e antigas. Obviamente, como o agente cognitivo dispõe de um conjunto abrangente de crenças relativamente estáveis a respeito de diversas categorias sociais, pode-se imaginar que os ambientes urbanos, onde tradicionalmente circulam entes que pertencem as mais diversas categorias sociais, sejam espaços privilegiados para a manifestação freqüente de julgamentos fundamentados em categorias.

Eis um exemplo concreto: uma pessoa, imediatamente ao transpor a porta do apartamento em que reside, se depara com a faxineira do prédio. De imediato, a pessoa pode supor que a faxineira reside em um bairro bastante distante, provavelmente na periferia, e que deve ter saído de casa muito cedo para pontualmente se apresentar no trabalho. Após refletir sobre a dura vida da faxineira, esta pessoa, durante o trajeto para o seu próprio trabalho pode ser abordado em um sinal de trânsito por um garoto que procura limpar os vidros do automóvel que dirige. Os esquemas de categorização voltam a funcionar e, imediatamente, o garoto é identificado mediante a aplicação de rótulos verbais como trombadinha, pivete ou pedinte. Em consonância com estes rótulos, imagina-se o garoto como um pobre coitado que se defronta com inúmeras dificuldades na vida e, como tal, que é necessário tomar um certo cuidado com o se pode dizer o fazer naquelas circunstâncias. Alguns quilômetros depois, após dirigir com muito cuidado em todo o percurso, enquanto se perscruta atentamente todos os motoristas, certamente egoístas, nervosos e irresponsáveis, o que o leva a adotar estratégias

defensivas de direção, o motorista encontra, após voltas e voltas em torno do quarteirão, uma vaga disponível para estacionar o automóvel. Antes mesmo de finalizar esta operação, aparece um camarada, com um apito nervoso na boca e um pano imundo na mão, e o motorista certamente sabe se tratar de um flanelinha, um tipo com o qual se deve lidar com muito cuidado, sob pena de encontrar, ao voltar para buscar o automóvel, o veículo danificado. Ao entrar no prédio em que trabalha, o não mais motorista e agora funcionário, encontra alguém manejando o elevador e não enfrenta dificuldades em categorizá-lo como o ascensorista, sabendo, inclusive, pelas cores da roupa, que se trata de um fervoroso torcedor do Clube de Regatas Flamengo. Ao entrar no conjunto de salas em que trabalha, encontra uma senhora bastante educada, distinta no trajar e no falar, e supõe se tratar da nova secretária do chefe, em seu primeiro dia de expediente. Após uma exaustiva manhã de trabalho, ele aproveita o intervalo do almoço e vai ao restaurante onde encontra o *maitre*, o garçom, o assistente de garçom, o manobrista e, assim, até o fim do dia, esta pessoa vai encontrando e categorizando pessoas, criando e confirmando expectativas sobre como estas podem e devem agir.

Esta descrição de eventos típicos de um dia de um cidadão relativamente comum poderia propiciar o desenvolvimento da conclusão de que a vida na cidade é plena de idéias estereotipadas, uma vez que diariamente cada pessoa se depara com pessoas dos mais diversos grupos sociais, o que propiciaria, conseqüentemente, uma maior intensificação dos pensamentos estereotipados (Alexander *et al.*, 2005). É natural que isto ocorra, uma vez que o pensamento categórico ativa as estruturas de conhecimento devidamente armazenadas na memória e estas guiam o processamento da informação sobre os diferentes alvos de julgamento social. Este conhecimento ativado contribui decisivamente em tarefas como a elaboração de inferências, a avaliação e a formação de impressões sobre o alvo.

Tudo isto, entretanto, não se encontra imune a controvérsias, pois podem ser encontradas na literatura indicações de que as representações estereotipadas se manifestam de forma menos intensa nos centros urbanos de maior tamanho (Pereira *et al.*, 2002). Qual a razão dessa aparente contradição, a se considerar que nas grandes cidades pode ser observada uma tendência a estereotipizar menos e ao mesmo tempo ativar de forma mais intensa as representações categóricas?

O exemplo anterior pode ser retomado para tentar entender esta situação. Trata-se da mesma pessoa, em uma nova jornada de labuta diária. Suponha que assim que coloque o pé fora do seu apartamento, ela se depara com a faxineira e, coincidentemente, enquanto esta conversa com uma vizinha, a pessoa é informada de que, ao contrário do que previamente imaginara, a faxineira reside em um bairro relativamente próximo. Na seqüência, ao ser abordado no mesmo semáforo, pelo mesmo garoto do dia anterior, nota que este, além de pedir os habituais trocados, é um excelente desenhista e que, uma vez ou outra, consegue vender seus desenhos a alguns compradores qualificados. E, naquele mesmo dia, enquanto se dirige ao trabalho, o veículo apresenta um problema mecânico e, imediatamente, alguns motoristas solícitos param ao lado, discutem alternativas e, após uma breve conversa, chegam a um acordo sobre a natureza do problema, solucionando-o rapidamente. Dirigindo em direção ao trabalho, enquanto pensa nas descobertas daquele dia, esta pessoa encontra, surpreendentemente, em frente ao prédio em que trabalha, uma vaga disponível, e termina por saber que o camarada do apito nervoso, além de flanelinha, é um economista desempregado que desiludido com a profissão resolveu investir na economia subterrânea. Ao subir pelo elevador toma conhecimento que, ao contrário do que julgara, o ascensorista não é um torcedor do Flamengo, pois, como bom descendente de pais italianos, as cores do traje da camiseta denunciam um fervoroso torcedor do Milan Atlético Clube. Finalmente, a maior de todas as surpresas: ao ser apresentado àquela a quem imaginara ser a secretária do chefe, fica sabendo que se trata da nova diretora de segurança da empresa. E assim prossegue o dia, pois

a cada pessoa a quem é apresentado e tem oportunidade de categorizar, imediatamente toma contato com uma nova uma informação que contradiz todas as expectativas até então mantidas a respeito dos membros da categoria social.

Desta forma, é lícito supor que a vida nas grandes cidades oferece oportunidades não apenas para a manifestação dos estereótipos, como também para a identificação de evidências que se contrapõem de forma nítida às visões estereotipadas a respeito dos diversos grupos sociais. Afinal, a vida nos grandes centros urbanos além de proporcionar facilidades para a obtenção de informações que muitas vezes depõem contra as concepções estereotipadas, também a vida urbana propicia muito mais oportunidades de contatos com pessoas muito diferentes, algumas que evidentemente confirmam todos estereótipos compartilhados sobre uma determinada categoria social, enquanto outras se contrapõem a tudo que se ouviu falar sobre os membros daquele mesmo grupo social (Fein e Spencer, 1997; Gardner *et al.*, 1995).

Nem por isso, entretanto, é possível afirmar que existe uma tendência no ser humano a rejeitar ou inibir a expressão das crenças estereotipadas. O mais certo parece ser afirmar exatamente o oposto, pois uma vez que alguém é incluído em uma categoria estereotipada raramente se tem a oportunidade de refletir e re-avaliar o assunto (Hamilton e Gifford, 1976; Word *et al.*, 1974). Isto não significa, entretanto, que seja possível defender a tese de que todas as categorias são automaticamente ativadas e de forma irrefletida. Neste caso, a posição mais plausível se encaminha no sentido de admitir que em algumas circunstâncias as categorias podem ser ativadas de forma incondicional, enquanto em outras elas são ativadas de forma condicional. Os estudos sobre a ativação incondicional são derivados do estudo de Gordon Allport sobre a natureza dos preconceitos (Allport, 1962), no qual se defende que a ativação da categoria é um processo inevitável, enquanto os estudos que se posicionam de forma favorável a uma perspectiva condicional de ativação das categorias sugerem que embora as categorias possam estar sujeitas a um processamento de forma automática, elas dependem da presença de disparadores apropriados para que possam ser ativadas.

Quais são as condições que permitem disparar uma representação categórica? Um primeiro indicador encontrado na literatura se refere aos elementos relacionados com a atenção. O processamento automático é facilitado nas circunstâncias em que ao agente se obriga a dividir os recursos atencionais entre os diversos estímulos presentes no ambiente social. A atenção dividida e direcionada a várias tarefas que se realizam de forma simultânea e concorrente favorece, obviamente, a expressão do pensamento categórico (Wegner e Bargh, 1998). Os processos atencionais, no entanto, não são os únicos responsáveis pela expressão do raciocínio categórico, sendo importante destacar, em outro registro, o impacto exercido pelas metas temporárias de processamento, assim como pelas atitudes e crenças do percebido. O efeito conjunto destes fatores sugere que a aplicação do raciocínio categórico é mais comum nas circunstâncias em que falta ao percebido motivação, tempo ou capacidade cognitiva para lidar com as demandas requeridas durante as interações sociais. O modelo da flexibilidade da codificação, uma das concepções teóricas dedicadas ao estudo deste assunto, supõe a existência de uma diferenciação no tratamento da informação, ao admitir que os recursos de processamento são inicialmente destinados ao tratamento da informação consistente com a categoria e que apenas os resíduos dos recursos cognitivos são destinados ao processamento do material que representa uma relação de inconsistência entre os elementos percebidos e as categorias previamente armazenadas na memória. Esta concepção mantém uma relação muito clara com um modelo antropológico que compreende o ser humano como um ente regido por princípios de economia cognitiva, no qual permanece subentendido que as pessoas procuram manter intactos ou preservar os seus sistemas de crenças, negligenciando ou mesmo desconsiderando as informações que porventura possam vir a abalá-los.

Em algumas circunstâncias, no entanto, observa-se uma certa incongruência entre a

percepção as respeito de uma dada pessoa e os atributos que se imaginam apropriados para identificar a categoria à qual ela pertence. A teoria da ausência de correspondência sustenta a tese de que seria incompatível com o modelo antropológico do avaro cognitivo ocupar os poucos recursos do sistema cognitivo com o tratamento das informações com as quais se tem alguma familiaridade, sendo mais apropriado considerar que a atenção deveria ser direcionada, prioritariamente, para o processamento dos estímulos cuja relação com as categorias seja marcada pela dimensão da incongruência.


Ser cognitivamente avaro não significa, necessariamente, realizar julgamentos impróprios ou cultivar pensamentos estereotipados. Sob certas condições, sobretudo quando se dispõe de metas claramente especificadas ou quando existe alguma vinculação de natureza afetiva com o grupo alvo, manifesta-se uma tendência a agir como se as pessoas fossem taticamente motivados. Nessas circunstâncias, o julgamento social é realizado apenas nas circunstâncias em que a pessoa se sente apta a julgar e esta só se considera apta a julgar caso acredite que esteja de posse de informações suficientes que permitam realizar o julgamento e, além disso, também que só se sentirá à vontade durante a tarefa de julgar se acredita que domina alguma teoria sobre os fundamentos do próprio ato de julgar.

Embora o mais comum seja tentar evitar julgamentos com base em crenças estereotipadas, com o conseqüente abandono de qualquer intenção de realizar quaisquer generalizações injustificadas, sabe-se, como indicam os estudos sobre a diluição dos estereótipos (Leyens *et al.*, 1994), que o oferecimento de informações adicionais e a conseqüente individualização do alvo pode, ao contrário do que se imagina, levar a uma maior manifestação do pensamento estereotipado.

Se tudo isto é aceitável, parece plausível aderir à suposição de que não é necessariamente a maior quantidade de informações a que se encontra exposto nos ambientes urbanos que acarretará um menor índice de estereotipização. Parece que o mais importante, no presente caso, é a qualidade da informação, ou melhor, a qualidade dos contatos interpessoais nos quais são obtidas as informações necessárias para a realização dos julgamentos sociais. Isto não significa, necessariamente, que os moradores das grandes cidades são melhores ou dispõem de informações mais qualificadas que aqueles que residem em cidades de dimensões mais acanhadas. O que ocorre é que as grandes cidades se situam no entrecruzamento de diversas linhas de fugas, pois nelas circulam pessoas muito diferentes, com concepções de mundo, crenças e valores muito heterogêneos entre si. Isto gera, conseqüentemente, muito mais alternativas de informação e possibilidades de julgamento e ação para aqueles que se dispõem a agir mais refletidamente. Isso, uma vez mais, não significa que é necessário residir em uma cidade para agir de forma mais refletida e, muito menos, se sugere que as pessoas que moram longe dos grandes centros urbanos sejam menos racionais. O que se afirma nestas linhas é algo bem mais simples. O que pessoa vai ser ou o que pretende ser não depende apenas do que ela é, mas também sofre o efeito do contexto em que se vive. Alguém pode habitar a maior metrópole do mundo e ser absolutamente desprovido de valores cosmopolitas, assim como pode viver na região mais inóspita e remota do planeta e acolher valores universais. Evitar o predomínio das categorias estereotipadas de pensamento parece ser muito mais fácil para quem vive em contexto onde as pessoas e as informações fluem com mais intensidade, mas a pessoa deve também oferecer a sua parcela de contribuição, quando nada fazendo o possível para quebrar hábitos de pensamentos arraigados, substituindo-os por modos de pensar mais justos, igualitários e dignos.

Referências bibliográficas

- Alexandre, M.; Brewer, M. e Livingston, R. (2005). Putting stereotype content in context: image theory and interethnic stereotypes. *Personality Soc. Psicol. Bull.*, 31 (6), 781-794.
- Allport, G. (1962). La naturaleza del prejuicio. Buenos Aires: Eudeba
- Bem, D. (1973). Convicções, atitudes e assuntos humanos. São Paulo: EPU.
- Blair, I. e Banaji, M. (1996). Automatic and controlled processes in stereotype priming. *J. Personal. Soc. Psychol.*, 70, 1142-1163.
- Devine, P. (1989) Stereotypes and prejudice: their automatic and controlled components. *J. Personal. Soc. Psychol.*, 56, 5-18
- Fein, S. e Spencer, S. (1997). Prejudice as self-image maintenance: affirming the self through negative evaluations of others. *J. Personal. Soc. Psychol.*, 73, 31-44.
- Fiske, S. (1998). Stereotyping, prejudice, and discrimination. Em: Gilbert, D.; Fiske S. e Lindzey, G. (Orgs.), *The handbook of social psychology*. 4a. Ed., Vol. 2 (pp. 357-413). Boston, MA: McGraw-Hill.
- Fiske, S. (2000). Stereotyping, prejudice, and discrimination at the seam between the centuries: evolution, culture, mind, and the brain. *Eur. J. Soc. Psychol.*, 30, 299-322.
- Gardner, R.; Macyntire, P. e Lalonde, R. (1995). The effects of multiple social categories on stereotyping. *Can. J. Behav. Sci.*, 27 (4).
- Gilbert, D. e Hixon, G. (1991). The trouble of thinking: Activation and application of stereotypic beliefs. *J. Personal. Soc. Psychol.*, 60 (4), 509-517.
- Greenwald, A. e Banaji, M. (1995). Implicit social cognition: Attitudes, self-esteem, and stereotypes. *Psychological Rev.*, 102 (1), 4-27.
- Hamilton, D. e Gifford, R. (1976). Illusory correlation in interpersonal perception: a cognitive basis of stereotype judgments. *J. Exp. Soc. Psychol.*, 12, 392-407.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2000). Censo Demográfico 2000.
- Leyens, J-P.; Yzerbyt, V. e Schadron, G. (1994) *Stereotypes and social cognition*. London: Sage.
- Macrae, C.N. e Bodenhausen, G. (2000). Social cognition: thinking categorically about others. *Ann. Rev. Psychol.*, 51, 93-120.
- Macrae, C.N.; Stangor, C. e Milne, A. (1994). Activating social stereotypes: a functional analysis. *J. Exp. Soc. Psychol.*, 30, 370-389.
- McClelland, J.; McNaughton, B. e O’Neilly, R. (1995). Why there are complementary systems in the hippocampus and neocortex: insights from successes and failures of connectionist models of learning and memory. *Psychological Rev.*, 102 (3), 419-457.
- Moskowitz, G. (2006). *Social Cognition*. New York: Guilford Press.
- Park, B. e Judd, C. (2005). Rethinking the link between categorization and prejudice within the social cognition perspective. *Personal. Soc. Psychol. Ver.*, 9 (2), 108-130.
- Pereira, M. (2002). *Psicologia Social dos Estereótipos*. São Paulo: EPU.
- Pereira, M.; Ferreira, F.; Martins, A. e Cupertino, C. (2002). Imagens e significado e o processamento dos estereótipos. *Estudos Psicol.*, 7 (2), 389-397.
- Rokeach, M. (1981). *Crenças, atitudes e valores*. Rio de Janeiro: Interamericana
- Wegner, D. e Bargh, J. (1998). Control and automaticity in social life. Em: Gilbert, D.; Fiske, S. e Lindzey, G. *The handbook of social psychology*. 4a. Ed., Vol. 1. (pp. 446-496). Boston, MA: McGraw-Hill.
- Word, C.; Zanna, M. e Cooper, J. (1974). The nonverbal mediation of self-fulfilling prophecies in interracial interaction. *J. Exp. Soc. Psychol.*, 10, 109-120.

 - **M.E. Pereira** é Psicólogo, Mestre em Psicologia Social (Universidade Gama Filho), Doutor em Psicologia Social (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e realizou estágio Pós-Doutoral (Universidade Complutense de Madrid e Universidade de Cambridge) Atua como

Professor (Departamento de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFBA). Endereço para correspondência: Rua Rodrigo Argolo, 293/502, Rio Vermelho, Salvador, Bahia 41940-220. Telefone: 55-71-32407792 ou 55-71-99873612. *E-mails* para correspondência: emanoel@terra.com.br e emanoel@ufba.br.